



Nota cronológica: Manfredo de Souzanetto
Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos.

O que se vai aqui não é propriamente um arrazoado cronológico, como se os fatos acontecidos se pusessem a explicar as páginas precedentes. Trata-se antes de um assentamento de coisas lidas, vistas e ouvidas para uso posterior. Esboços, bosquejos, quase sempre rudimentos, e alguns traços sinuosos de alguém que se esmera sobre a arte e consentiu em ter de se explicar pela transformação da matéria pintada, retemperada, robustecida.

Manfredo Alves de Souza Neto nasceu na fazenda Olho d'Água, no município de Jacinto, no vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, no alvorecer de junho de 1947. Irene, sua irmã mais velha, conta que, ao acordar, ele “estava lá”. Quarto filho do primeiro casamento de Florivaldo Ferreira de Souza com Venina Alves de Souza, passou toda sua infância entre o norte de Minas e o sul da Bahia, dividido entre ajudar seu pai na lida da fazenda, freqüentar a escola e construir brinquedos com Venivaldo, seu irmão mais novo. Iralice e Hilda, suas duas outras irmãs, compunham a família, que começou a se dispersar após a morte de Venina, no início da década de 1950.

Em 1963, Manfredo seguiu para Almenara, onde morou com Irene, já casada, e cursou o ginásial; seu cunhado Manoel Alves Matias é a primeira das duas pessoas a quem este livro é dedicado. Em meio aos estudos, começou a desenhar por conta própria, e não mais parou. Belo Horizonte lhe aconteceu em 1967, novo porto de estudos e, então, trabalho.

Paisagem do corpo

Certo dia, ao andar pela avenida Afonso Pena, Manfredo passou em frente à Escola Guignard e resolveu indagar se havia alguém que pudesse ver seus desenhos. Conheceu Jorge Santos, que lhe sugeriu procurar a Associação Cristã de Moços, onde as aulas eram à noite e não o impediriam de trabalhar durante o dia.

Em dezembro desse mesmo ano de 1967, participou de sua primeira exposição, uma coletiva dos alunos da Escola de Artes Plásticas da Associação Cristã de Moços, na qual recebeu o primeiro de seus diversos prêmios. Em pouco tempo, seus desenhos o levariam de volta à Escola Guignard. Tornou-se aluno da segunda turma formada pelo Mestre Guignard e encontrou Sara Ávila de Oliveira, a melhor professora que teve.

Manfredo representou a Escola Guignard no II Salão de Arte Universitária, em setembro de 1969. Três meses depois, participou do I Salão Nacional de Arte Contemporânea no Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte; no ano seguinte, do III Salão do Artista Plástico Mineiro, da mostra Do corpo à Terra, no Palácio das Artes e no Parque Municipal de Belo Horizonte, e da IV Exposição Jovem Arte Contemporânea, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Como diria Roberto Pontual em 1973, havia em torno do desenho belo-horizontino e, portanto, do artista a

influência de Guignard: "um retorno à intimidade, um registro do olhar que se acrescenta de lirismo e nostalgia, sempre as montanhas ao longe, as montanhas em torno, as montanhas presentes mesmo quando ocultas".

Nascentes

A série "Erupções da pele" foi sua contribuição à mostra Erótica 71, ocorrida na galeria da Associação Mineira de Imprensa. Nas palavras da crítica Maria do Carmo Arantes, em resenha no Diário do Comércio, cada obra destas pode ser "decomposta em várias partes. E cada uma vive por si mesma, apesar de intrinsecamente interligadas".

Após ser novamente premiado no III Salão Nacional de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte em dezembro de 1971, levou seus desenhos até a Galeria Bonfiglioli em São Paulo, em março do ano seguinte, para participar, ao lado de Manoel Augusto Serpa de Andrade, Sérgio de Paula, Ivan Serpa, Tomoshige Kusuno, Paulo Roberto Leal, Dorée Camargo Correa e Cláudio Tozzi, de sua primeira exposição coletiva fora de Minas Gerais.

Em 1973, foi um dos artistas da mostra de obras de Gilberto Chateaubriand Alguns aspectos do desenho brasileiro, organizada por Antonio Bento na Galeria do IBEU, no Rio de Janeiro, e cinco desenhos seus foram selecionados para a XII Bienal Internacional de São Paulo, realizada em outubro. Quatro deles podem ser vistos nas páginas 96 e 97 deste livro, logo após o texto de Carlos Drummond de Andrade, personagem que se reúne ao que aqui se registra, pois Manfredo, em 16 de outubro de 1974, realizou sua primeira exposição individual no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, em Belo Horizonte, chamada Memórias das coisas que ainda existem. Pois bem, Drummond esteve não nessa exposição, mas sim na seguinte, Olhe bem as montanhas..., de mesmo tema, e que foi a primeira exposição individual do artista no Rio de Janeiro, ocorrida na Real Galeria de Arte, em 1975, cujo folder contou com texto de Olívio Tavares de Araújo. Presume-se que a crônica escrita pelo poeta mineiro para o Jornal do Brasil, também publicada no Estado de Minas, já tenha sido lida aqui nas páginas 93 a 95.

Além da participação no Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna, em São Paulo, o fim do ano de 1974 trouxe outra importante conquista: o prêmio de viagem à Europa do V Salão Nacional de Arte Universitária, que daria a Manfredo a oportunidade de permanecer em Paris nos anos seguintes e levar sua obra rumo a novas proposições estéticas. O trabalho premiado teve seus esclarecimentos: "A evolução natural de meu trabalho levou-me, como não podia deixar de ser no mundo atual, à problemática do relacionamento homem-ambiente. É certo que esta foi sempre minha preocupação, intuitiva talvez no início, agora consciente. Mostro aqui dois desenhos e um audiovisual. Tento captar com os desenhos os últimos momentos das agonizantes montanhas de Minas e com a projeção, a mobilidade do que ainda existe".

Até então, era como se as palavras de Emilio Osorio Neto, a segunda pessoa a quem Manfredo dedica este livro, delineassem a obra já nascida e encaminhada: "Conheço todas as influências e desvios, desde os desenhos a lápis, espiritualistas, as colagens, as transformações gradativas das formas humanas em montanhas e, finalmente, as montanhas em toda sua decomposição material".

Descaminhos

Os ares parisienses foram de muito esforço, entremeados de diversas realizações. Em 1976, a Galerie Debret realizou a mostra Manfredo, e De Souza Netto expôs também no Musée de l'Abbaye Sainte-Croix, Les Sables d'Olonne, ao concluir, como artista convidado, sua residência nesse museu. No ano seguinte, fez novas exposições individuais na Cité Internationale des Arts e na Galerie Philippe Frégnac, e participou da I Feira Internacional de Arte Contemporânea de Paris. Nessa época, tornou-se assistente do artista cinético venezuelano Carlos Cruz Diez, e uma de suas seqüências fotográficas de intervenções na natureza foi adquirida pelo Fundo Nacional de Arte Contemporânea

da França (FNAC).

O seguinte trecho de uma carta para a crítica Maria do Carmo, além de matizar o que esta dissera em 1971, resume as transformações de sua obra no entretempo europeu: “Tenho refletido bastante e cada vez mais sintetizo o meu desenho numa linha minimalista, onde só o extremamente essencial resta. A paisagem não é mais que um signo inscrito em uma superfície de cor (arcaísmo do antigo, colorido) e a estrutura se torna cada vez mais primária. Toda aquela arquitetura antiga foi reduzida à sua expressão mais simples: o quadrado. Isto pode lembrar Albers ou Malevich, mas não. O quadrado ou retângulo em meu trabalho é sobretudo prisão, encarceramento, forma opressora que aprisiona a paisagem e que delimita um espaço preciso sobre o papel. Outra coisa que adotei foi a forma analítica de trabalhar. Desmembrei os elementos formadores do meu desenho, quer dizer, o tema, a cor e a estrutura e às vezes trabalho com cada um individualmente. Depois volto à linha-mestra e incorporo as aquisições e reflexões feitas à parte. Isto tem dado resultados que considero bem satisfatórios”.

A cor asseverada

Manfredo retorna ao Brasil em 1979. Após algum tempo em Juiz de Fora, onde dividiu seu ateliê com Arlindo Daibert, estabelece-se no Rio de Janeiro. Em 1980, realiza nova individual na galeria Gravura Brasileira, na qual expôs dez pinturas e 17 desenhos. A crítica de Roberto Pontual no *Jornal do Brasil* é precisa: “Aqui se discute a qualidade da imagem que chega a nossos olhos, e também o modo pelo qual ela nos chega, já que no caso das pinturas o que vemos de tinta na frente da tela é resultado da tinta aplicada no seu avesso – uma travessia da linha, espécie de travessura dela”. Os interessados podem ver três telas e um desenho exibidos nessa exposição nas páginas 104 e 105, logo após o texto “Da figuração à narração abstrata”. Nesse mesmo ano, a participação com uma série de fotografias no III Salão Nacional de Artes Plásticas, no Palácio da Cultura e no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, rendeu-lhe o prêmio Gustavo Capanema, concedido ao melhor conjunto de obras.

A exposição na Galeria Projecta em 1981 reuniu 12 séries de fotos de intervenções realizadas na França em florestas, parques e pedreiras abandonadas, de 1976 a 1978, das quais quatro estão reproduzidas após o seu texto “Desconstrução natural de uma proposta plástica”, e uma quinta aqui ao lado. A fotografia que está ao lado da página inicial desse texto não é parte de série alguma e a intervenção que ela retrata se realizou na floresta de Compiègne em 1978.

Em 1982, Manfredo de Souza Netto expôs simultaneamente no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no âmbito do Projeto ABC/Funarte, de 16 de setembro a 3 de outubro, e na Galeria César Aché, de 16 de setembro a 9 de outubro. O texto que escreveu para o catálogo da primeira dessas exposições, em que apresentou 17 Forquilhas, está reproduzido nas páginas 110 a 115. Julio Castañon Guimarães escreveu o texto do catálogo da segunda, composta por dez telas e três séries fotográficas, sobre as quais afirmou: “Da atuação na natureza, em uma paisagem delimitada internamente pela própria atuação e recortada externamente pelos limites da fotografia, até os conjuntos de telas, tem-se não obra que represente a natureza, mas obra que incorpora a paisagem em sua dicção”.

No ano seguinte, após a presença no Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e uma exposição individual na Paulo Figueiredo Galeria de Arte, na mesma cidade, participou de sua segunda Bienal Internacional de São Paulo, a décima sétima, ocorrida de 14 de outubro a 18 de dezembro. Um pequeno folder, contendo texto de Lígia Canongia e oito reproduções de seus trabalhos feitas por Lula Rodrigues, comemorou sua participação. Entre as obras expostas, estiveram as que estão reproduzidas nas páginas 24, 28, 114 e 119 deste livro. O texto de Roberto Pontual aqui republicado foi escrito para nova exposição na Galeria César Aché, em 1984, na qual estiveram as obras das páginas 125 e 145. Em resenha para o jornal *O Globo*, intitulada “Um dos sensíveis da geometria brasileira”, Frederico Moraes se refere a um construtivismo que não exclui a emoção. Ainda nesse ano, Manfredo participou da exposição

Retrato e auto-retrato da arte brasileira, coleção Gilberto Chateaubriand, no Museu de Arte Moderna de São Paulo,

Em 1985, ganhou novo prêmio de viagem no VIII Salão Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura / Funarte e integrou a mostra Destaques da arte contemporânea brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Paulo Herkenhoff escreveu o texto para a exposição de 23 trabalhos na Galeria São Paulo em 1986, que provavelmente já foi lido nas páginas 130 a 136. Finda mais essa etapa, a nova ida para a Europa, em decorrência do segundo prêmio de viagem conquistado, se desdobraria em novas exposições.

A contenção do desassossego

Em 1987, Manfredo participa das exposições Modernidade, l'art brésilien du XXème siècle, no Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, e Ouverture brésilienne, no Centre Regional d'Art Contemporain (Credac), em Ivry-sur-Seine, onde conheceu Otto Teichert e o curador e crítico Philippe Cyrroulnik, autor de um dos dois textos escritos especialmente para esta publicação. Nesse mesmo ano, no Rio de Janeiro, foi um dos artistas da exposição Território ocupado, no Parque Lage, em que fez dois desenhos a lápis de cor na parede, e preparou uma individual na Galeria Montesanti, na qual apresentou 14 telas.

A Unesco, na comemoração dos quarenta anos de sua criação, em 1988, organizou, no Palais de L'Unesco, em Paris, a exposição internacional 40 artistes, 40 ans, 40 pays, em que o Brasil foi representado pela obra de Manfredo reproduzida ao lado. De quebra, nosso artista expôs na Galerie l'Aire du Verseau. No ano seguinte, retornou à Galeria São Paulo. Desta vez, o catálogo teve texto de Marcus de Lontra Costa e fotos de João Bosco e Romulo Fialdini. A obra que se vê na página 154 foi um de seus destaques.

Chegamos à década de 1990, que se inicia com uma exposição individual na Galeria Anna Maria Niemeyer: dez desenhos e sete telas, das quais três podem ser apreciadas nas páginas 148, 150 e 153. Em dezembro desse mesmo ano, Manfredo participa do Projeto Arqueos, na Fundação Progresso, em que pinta cinco paredes com pigmentos de terra e caseína.

Nos anos seguintes, Manfredo aproxima a exibição de suas obras às de outros artistas mineiros. Em 1992, com apresentação de Reynaldo Roels Jr., expõe com Marcos Coelho Benjamim na mesma Galeria Anna Maria Niemeyer e, em seguida, na Galeria Marina Potrich, em Goiânia, no Museu de Arte de Brasília e na Galeria Circo, em Belo Horizonte.

A memorável exposição 4 x MINAS, com Amilcar de Castro, Celso Renato e novamente Marcos Coelho Benjamim, é vista, durante os anos de 1993 e 1994, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Museu de Arte da Bahia, em Salvador. Seu belo catálogo com textos gerais de Angelo Oswaldo de Araújo Santos e Marcus de Lontra Costa, e um texto de Philippe Cyrroulnik sobre o nosso artista ainda é bastante desejado.

Mil novecentos e noventa e quatro também é o ano de duas exposições em Lisboa: uma na Galeria Módulo e outra no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, cujo catálogo foi impresso com texto de Agnaldo Farias, o autor do outro texto crítico escrito para esta publicação. Ainda nesse mesmo ano, participa da exposição Brasil Bial, arte do século XX, organizada pela Fundação Bial de São Paulo.

As mostras Workshop Brasil / Alemanha, organizada pelo Goethe Institut no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1995, e No limite da forma, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, na Casa das Rosas, em São Paulo, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e no ICBRA / Bahnhof Westend, em Berlim, de 1996 a 1998, são os outros pontos de destaque da trajetória do artista no Brasil nessa década, pois já era tempo de se preparar para o vernissage de sua exposição individual, organizada por Philippe Cyrroulnik, em Le 19, Centre Regional d'Art Contemporain, em Montbéliard, na França.

Escultura de si

Na passagem para o século XXI, Manfredo expõe no Musée National de Porcelaine Adrien-Dubouché, em Limoges, de 3 de março a 30 de abril, ao cabo de sua residência de artista na École Nationale d'Art Décoratif Limoges-Aubusson, em que foi acompanhado por seu assistente Reginaldo Silva. Seu trabalho com porcelana demarca o início de seus organométricos, vários dos quais podem ser vistos após seu texto reproduzido lá na página 45. Ainda no ano de 2000, expõe na Marília Razuk Galeria de Arte, cujo catálogo, com texto de Luiza Interlenghi, reproduz nove obras. O Centro Cultural Light, no Rio de Janeiro, abriga em 2001 a exposição Diálogo, com Marco Túlio Rezende. A instalação de objetos de porcelana feita especialmente para a exposição está reproduzida nas páginas 52 e 53. Alguns meses depois, é a vez do Museu Alfredo Andersen, em Curitiba, receber a individual Manfredo de Souza Netto.

Em 2003, duas exposições coletivas: 10 x Minas, no Instituto Cultural Usiminas, em Ipatinga, e no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte, e Arte em diálogo: artistas do Brasil e da Noruega, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, na qual exibe as obras que estão nas páginas 55, 56 e 59. No ano seguinte, é o artista convidado da série Os amigos da gravura, no Museu da Chácara do Céu, no Rio de Janeiro, para a qual fez a xilogravura abstrata que se vê ao lado.

A Usiminas, patrocinadora desta publicação, expõe em 2005 quarenta obras de nosso artista em seu Centro Cultural em Ipatinga. Pouco depois, Manfredo participa de nova exposição organizada por Philippe Cyrrounik: Amalgames, l'art brésilien contemporain, no Musée de l'Hôtel Dieu, em Mantes la Jolie, na França, cujo catálogo contém um texto do curador e outro de Agnaldo Farias. Ainda nesse mesmo ano, Manfredo e o Instituto Moreira Salles acordam a realização da exposição Esculturas nos centros culturais dessa instituição. O itinerário se inicia por Belo Horizonte, segue para Poços de Caldas e, já em 2006, Rio de Janeiro, onde é inaugurada no dia 20 de fevereiro, restando São Paulo, a ser realizada durante os meses de junho, julho e agosto. Para essas exposições, o Instituto Moreira Salles preparou um catálogo, no qual se pode ler a entrevista "A volta do príncipe ou o menino de Jacinto", concedida a Antonio Fernando de Franceschi, em janeiro de 2005, no ateliê do artista no Rio de Janeiro.

Em pleno mês de maio de 2006, a memorável exposição Paisagem da obra, inaugurada no Centro Cultural Correios, no Rio de Janeiro, no dia 26 de abril, percorre toda a trajetória aqui brevemente assentada. A foto reproduzida na página 17, na qual se vê o artista caminhando entre as pedras de seu trabalho, 25 pedras, sugere uma certa ausência de foco onde pousar o entendimento do que se viu ao percorrer as páginas deste livro homônimo. Talvez aqui já não se saiba como lidar com o que se metamorfoseia toda vez que somos alcançados pela arte. Será isso que se materializa de nós sedimento corporal ou espírito volátil a propagar, como paisagem, panorama, mar ou horizonte, a história do que nos tornaremos até o dia de tornarmos à Terra? Parece que não há como, e mesmo que não se deve, saber. Mesmo assim, a arte de Manfredo, como o alento dessa misteriosa e informe pulsão que nos leva adiante, estará do nosso lado.